

PERY COTTA

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 22/07/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Eu sou Pery de Araújo Cotta. Eu nasci no município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, só que, quando eu nasci, era Distrito Federal, capital da República inclusive, foi durante muito tempo. A data é 1º de setembro de 1939. Estou, hoje, dia 22 de julho de 2008, eu estou com 68, vou fazer 69 em setembro desse ano e 70 no ano que vem que é 2009.

Quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?

Meu pai era Geraldo Paulo Cotta, era advogado, foi advogado durante mais de 50 anos no Rio de Janeiro, carioca também. Minha mãe também era carioca, mamãe era Maria de Lourdes de Araújo Cotta, era neta de franceses. E papai era neto de índios. Tinha o cabelo bem preto, eu fiquei grisalho muito antes do que ele, ele era inteirão. O velho era uma figura, parecia meu irmão mais velho de tão novo que era.

Havia algum envolvimento na sua família com jornalismo?

Não, a minha família tinha advogados, médicos, muitos médicos, vários médicos, engenheiros e pessoas de outras profissões, todas profissões liberais. Jornalismo, eu é que me empolguei e me empolguei muito cedo com isso. Eu aprendi a ler em jornal. Eu, quando fui para a escola, naquela época, escola primária, eu já sabia ler porque o meu pai chegava em casa e enquanto esperava o jantar ele ficava lendo o jornal, e eu ficava junto dele e começava a perguntar. Eu aprendi, inclusive, no método Paulo Freire. Eu aprendi palavras, não aprendi com o beabá que você aprendia naquela época. Aprendi a ler em jornal e fiquei viciado em ler jornal. Daí a me envolver com a construção da história e tal foi um passo. Aquilo já ficou no meu sangue desde bem novo ainda.

Onde você passou sua infância e juventude aqui no Rio?

Até os 10 anos de idade eu fui carioca de Vila Isabel, eu sou carioca do subúrbio, portanto, do Rio de Janeiro. Depois, com 10 para 11 anos, nós viemos morar no Flamengo, onde eu moro até hoje, em lugares diferentes, às vezes no Catete, às vezes em Laranjeiras, e, há bastante tempo, na rua Marquês de Abrantes, no Flamengo.

Onde você fez seus estudos?

Quase o tempo todo em escola pública. Nós éramos três irmãos e eu tinha muita pena do meu pai trabalhar tanto para educar e sustentar a gente. Eu sempre procurava entrar em escola pública. Fiz primário em escola pública, depois eu entro no Colégio Pedro II por concurso, depois eu vou fazer faculdades públicas. Naquela época, escola pública era excelente. Eu saí do Colégio Pedro II, não estudei nada, nada e fiz vestibular para duas faculdades. Eu queria fazer Jornalismo, e para agradar meu pai fui fazer Direito também. Fazia duas faculdades sem pegar um livro, nem pegar um livro. Foi um pouco depois do carnaval, eu estava brincando carnaval no litoral do Estado do Rio de Janeiro, lá para Mangaratiba, lá para aqueles pedaços de lá, e voltei em cima da hora. Voltei para fazer a prova.

Em que jornal você falou que aprendeu a ler?

Na época que eu comecei a ler, eu não tenho muita noção não, mas eu me lembro que me empolgou muito a cobertura esportiva. Eles faziam uns desenhos de como é que foi o gol e tal, como O Globo faz hoje, aquilo é antigo para burro e aquilo era coisa, se não me engano de A Noite, ou Diário da Noite, era um jornal vespertino porque papai lia à noite. Era um jornal que ele trazia quando vinha da cidade, provavelmente era um jornal vespertino. Como isso é antes da Última Hora, e o Correio da Manhã e o Jornal do Brasil, por exemplo, eram matutinos, eu posso deduzir que fosse um jornal da tarde. O Globo não era ainda vespertino, era também matutino e era um jornal de sangue, de polícia. Era um jornal que não tinha nada a ver com a grandeza dos jornais, que ele tem hoje, e da grandeza que os jornais matutinos tinham na época.

Você fez Direito e Jornalismo. Você concluiu as duas faculdades?

Isso é que é engraçado. Eu não concluí o curso de Jornalismo. Era curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje, ECO/UFRJ, onde eu fiz, depois, mestrado e doutorado. Tinha minha fichinha lá, do tempo em que eu era aluno do curso de Jornalismo, mas que eu abandonei, abandonei faltando um semestre para completar. Só que naquela época era ano, não era

semestre. Antes, quando eu entrei o curso eram três anos, a minha turma foi a primeira a pegar quatro anos e eu larguei no último ano, já terminando o curso. Eu larguei porque em 1961 saiu um decreto do Jânio Quadros que permitia o registro profissional para quem já tivesse experiência e que obrigava a ter curso de Jornalismo. Foi o primeiro decreto. Depois disso, veio um decreto em 1967, do regime militar, da ditadura, mais para enquadramento, quando saiu também Lei de Imprensa, mais para enquadramento de jornalistas, para ficar vigiando os caras, saber quem eram os jornalistas, se tinham formado aonde etc.

Como era esse curso de Jornalismo?

Péssimo, horrível porque era assim: era a Faculdade Nacional de Filosofia, então, Filosofia, era o cara de Filosofia que dava. Por exemplo, Letras, vinha não menos do que o Celso Cunha, que era um das grandes figuras do ensino da língua portuguesa, mas era para nós um chato... Antes de entrar na faculdade, eu já tinha lido todos os autores principais em língua portuguesa do Brasil e de Portugal. Eu adorava Eça de Queiroz, de Portugal, adorava o Machado de Assis, Aluísio de Azevedo... eram meus íntimos, eu gostava muito. Repetir isso na universidade, eu achava muito chato, pelo menos, se não renovasse o time, botasse um Carlos Drummond de Andrade, podia nos deixar mais satisfeitos. O curso era muito fora da realidade. Eu tive um professor, que eu não vou citar o nome dele para não ser indelicado com a família, que é uma família importante no jornalismo, inclusive, que ele passou um semestre inteiro falando de lide e ele nunca tinha entrado numa redação de jornal e eu era profissional de imprensa. Era muito chato ficar ouvindo um cara falando bobagem o tempo todo como se fosse erudição, como se fosse alto conhecimento e sem aquilo a gente estava roubado. Eu estava careca de saber isso, era muito chato. Até que um dia nós combinamos, nós paramos de falar e de perguntar porque a aula dele rendia por causa das perguntas, ele provocava as perguntas. Um dia nós combinamos não perguntar nada e ele ficou andando de um lado para o outro da sala, depois ficou constrangido, saiu e não voltou mais, trocaram o professor.

Qual foi a primeira vez em que você entrou numa redação de jornal?

Eu tinha 15 para 16 anos e foi na Gazeta de Notícias, um jornal que não existe mais. Mas foi um jornal muito importante, era um dos jornais mais antigos e tinha tido uma história importantíssima na passagem do século, início do século passado e que tinha um retrato na parede da redação, o chefe de redação era um cara que gravava um noticiário de cinema, Aimerê [o jornalista Manuel Braune], que era um cara que foi correspondente em Londres, tinha um vozeirão, ele falava: aqui

Aimberê da BBC de Londres. Isso aparecia no cinema também. Esse foi a primeira figura que chamou: menino, vem cá, está vendo esse retrato aí? Eu não me lembro se era de Rui Barbosa, eu creio que era de Rui Barbosa. Esse aí trabalhou aqui na redação do jornal. Lembro que isso me deu uma responsabilidade inacreditável. Menino de 15 para 16 anos, eu não tinha a menor noção... Eu tenho a impressão que foi, eu estou entre Machado de Assis e Rui Barbosa, mas eu acho que foi o Rui Barbosa, porque o Machado de Assis passou no jornalismo pela tipografia, pela oficina gráfica, ele começou a vida assim como auxiliar de tipografia, trabalhando naquelas máquinas enormes antigas de compor as matérias.

Na Gazeta, você fazia o quê?

Engraçado, a primeira coisa que eu fiz foi texto, porque eu era um luminar na redação. Naquela época tinham repórteres que eram praticamente analfabetos. Tinha o repórter, o noticiarista e o redator. O noticiarista era o cara que ficava pegando os telegramas e escrevendo, os redatores liam as matérias todas, já faziam os títulos e etc. Então, tinha repórter analfabeto, quer dizer, o cara que era bom repórter, apurava tudo, dava todos os detalhes, era um senhor observador da coisa e contava a história ao noticiarista. Aliás, isso tem também na imprensa alemã, durante muito tempo teve, agora não estou mais perto disso. O cara fica com várias tarefas e passa da rua pelo telefone as matérias dele para ele continuar produzindo aquele mesmo assunto ou indo cobrir outro assunto, não tem muito a preocupação de texto propriamente. O fundamental no jornalismo sempre foi a apuração, as pessoas que escreviam eram poucas, aliás, quando os jornais começaram Brasil, todos os grandes escritores eram os redatores de jornal, só que você não identifica o estilo, vamos dizer assim, porque o jornalismo não tem estilo. Falar em estilo jornalístico é uma bobagem, como falar em jornalismo investigativo, uma porção de bobagens que eles inventam por aí. Gente que nunca entrou em redação, com certeza.

Mas não tem estilo porque já tinha entrado a técnica do lide?

Não, essa técnica do lide é uma coisa que se efetiva com o Diário Carioca. O Diário Carioca, antes, inclusive, da reforma do Jornal do Brasil, trouxe dos estados Unidos para o Brasil o lide. Já o sublide é uma invenção brasileira porque o inglês é uma língua concisa, de comerciantes, direta, objetiva e você passar isso para o português tem mais linhas. Houve a necessidade de criar um sublide. Na verdade, em todo o tempo que eu fui jornalista se falou isso, que a gente estava copiando a imprensa americana, o modelo de fazer da imprensa americana, que, por sua vez, teria copiado da imprensa inglesa. Você tem, por exemplo, o Times de Londres e

tem o New York Times, você tem uma seqüência. Mas na verdade o lide não tem nada a ver, é a criação de um filósofo chamado Aristóteles que escreveu um livro da arte retórica para ensinar como o sujeito devia fazer o discurso e ele, ao definir a abertura, que ele chamava de exórdio, ele dizia o que é o lide. Ele dizia assim: o orador ao iniciar a sua fala deve logo indicar o que de principal ele tem a falar. Ao mesmo tempo, dar uma visão geral de tudo aquilo que ele vai falar porque senão, terminava Aristóteles, o espírito vagueia, quer dizer, a pessoa vai ficar prestando atenção na fala do cara sem saber onde ele vai chegar, o que ele pretende e tal. É bastante interessante que depois, se um outro filósofo, se não me engano em Roma, no século I, Maximiliano, que é o cara que faz aquelas questões do que, quem, quando, como, onde, questões circunstanciais. Em que circunstâncias que o fato aconteceu, quem estava envolvido nele, o que foi, onde foi, etc. , isso é que é interessante, com aquelas expressões todas em latim, e os caras ficam dizendo que é coisa de americano. Outra coisa ridícula é a gente falar em mídia porque a mídia é uma palavra do latim que é *media*, que é plural de *medium* – meio. Em vez de chamar de meios de comunicação, fala em mídia. Como o americano lê o plural de meio – média - que ele lê mídia, nós, como somos macaquitos, como dizem os argentinos, nós ficamos falando mídia. Inclusive, pior do que isso, falamos mídias, que é um plural do plural, o jornalista que não sabe de onde vem as palavras, não sabe usar as palavras, não sabe construir frase.

Quando o Diário Carioca traz essas novidades...

Aí, imediatamente, os outros jornais seguem. Agora, logo em seguida, tem também a grande reforma do Jornal do Brasil, que é de 1956, que vai até 1958, 1959 e que é mais a reforma gráfica, a apresentação, a divisão por coluna etc. Jornal era uma coisa meio caótica antes disso. Era uma coisa difícil de ler, de acompanhar. As primeiras páginas do jornal, por exemplo, dificilmente tinham foto e cor. A grande inovação nesse sentido é da Última Hora, de 1951. Você tem: o Diário Carioca no texto, a Última Hora na foto e no uso da cor, a própria logomarca da Última Hora tem um fundo, uma cor chapada mas tinha cor e quando botavam desenho, principalmente de jogador de futebol, na primeira página usava a cor também no desenho. O Jornal do Brasil que dá uma arrumação melhor nas páginas, divide por coluna, o título correndo lá em cima, manchete por página, não tinha manchete por páginas nos jornais antigamente. Não é manchete de primeira página, mas manchete por página. As matérias eram assim: o secretário de redação marcava, dizia qual era a página e mandava e às vezes a matéria começava na primeira página e terminava em outras páginas. (Tem um jornal aqui no Brasil, a Gazeta Mercantil, da área econômica, usou isso durante muito tempo, e que também não

usava fotografia na primeira página, usava até um traço, pegava uma foto do cara, produzia em pontos o rosto do entrevistado.) O secretário de redação descia aquilo e ficava faltando um pedacinho, não dava nem para botar outra notícia e tal, aí que nasceu o calhau, você colocar uma coisa qualquer. Uma vez, não faz muito tempo, eu vi esse quadradinho escrito "calhau" no Globo, numa página interna de O Globo. Só que calhau é uma expressão que vem de Portugal, que não sei se o cara que botou isso sabia, e quer dizer "merda". Isso aqui é uma merda, bota uma merda qualquer aí para tapar esse buraco aí, não é? Eu ri muito quando vi o jornal porque o próprio jornal escrever "merda", muito engraçado, principalmente o jornalão que é , com a pretensão que tem.

Qual foi o seu primeiro emprego em jornalismo?

Minha passagem pela Gazeta foi meteórica e depois eu fui para os Diários Associados, para O Jornal. Então, O Jornal era de onde eu recebia normalmente, quer dizer, recebi em termos porque eu passei 3 anos tendo que entrar numa fila de 15 em 15 dias, que era a fila para receber o dinheiro que vinha da venda avulsa do jornal. E uma vez eu estou na fila, eu e mais uns 30 na fila, o doutor Assis Chateaubriand, que era o dono, passou no caixa e perguntou assim: menino, quanto você tem aí? O cara disse e ele: passa para cá. Ficou todo mundo chupando o dedo na fila e adorando o Dr. Assis, como era chamado lá dentro. Era uma figura excepcional e que deu uma contribuição excepcional. Criou televisão, criou um império de jornais e revistas e O Cruzeiro, inclusive, que era uma revista pioneira. Mas que também tinha isso, não é?

Esse episódio que você está contando é o sinal de uma fase muito inicial da profissionalização da profissão...

Não, da profissionalização do jornalista não. Os jornalistas eram muito sérios e muito bons profissionais, sempre foram. Eu acho que se é uma profissão que te obriga a ter uma ética, uma objetividade, uma clareza de objetivos e um respeito ao interesse público, a gente trabalha, nós somos servidores públicos no bom sentido, nós trabalhamos para a sociedade, para informar à sociedade, o que nos dá também uma visão múltipla das coisas porque a gente não sabe também para quem a gente está escrevendo quando a gente está escrevendo e para quem a gente está transmitindo a notícia por mais direcionada que seja a linha editorial da publicação.

Nesse momento, ainda tinha aquilo do jornalista cobrir determinado ministério e ter um cargo nesse ministério como segundo emprego?

Não, isso nunca foi comum. Às vezes o cara era funcionário de outro lugar, tinha dois empregos. Isso que você menciona é outra coisa, que no radialismo a gente chama de jabá. Isso é uma falta de ética total, o cara trabalhar num lugar e levar as notícias daquele lugar para dentro do jornal. Isso não é um jornalista, é um pilantra.

Mas ainda era preciso ter dois empregos para sobreviver?

Ah, sim. A televisão é que dizem que tem salário e não sei o quê. Dizem, porque não sei qual é o interesse de ficar inventando números, mas com certeza a televisão hoje tem mais condições, pelo volume de publicidade que ela recebe, que é a maior fatia do bolo, de ter profissionais bem remunerados mas o jornalismo é, como eu falei, um serviço público, se você não tiver essa visão social e se você não tiver esse respeito pela opinião pública, sai da profissão porque você não tem nada a ver com essa profissão. E uma outra coisa que é fundamental, é um senso crítico em relação a você mesmo, ao que você faz, ao seu trabalho. Tudo que você vê, não é para buscar o lado errado não, é para você se perguntar, uma coisa que eu sempre segui quando fui repórter, é que estava ouvindo uma determinada pessoa e vinham duas perguntas na minha cabeça que eu jamais fazia para o entrevistado. A primeira é a seguinte: será que é isso? A segunda: será que é isso e do jeito que ele está dizendo que é? Ele pode estar manipulando também, a manipulação não é só dos veículos de comunicação,, é também dos entrevistados que têm seus interesses. Por exemplo, um político vai falar sempre o que você quer ouvir, nunca o que ele pensa, se ele disser o que ele pensa, você vê o pilantra que o cara é.

Pery, há episódios na sua vida sobre os quais você diz: "esse episódio me ensinou a ser jornalista"?

Tem vários, inclusive erros meus grosseiros. Eu me lembro uma vez que eu trabalhava na Tribuna da Imprensa, havia uma ameaça de greve de bancos, isso interessa a todo mundo, é dinheiro, saber se pode ir lá apanhar seu dinheiro ou não no banco. Aí me disseram o nome do presidente do sindicato e eu não conhecia o cara não tinha contato nenhum com a área sindical e fui para o catálogo telefônico. Quando eu vi o nome dele lá eu pá... liguei para o cara, conversei com o cara durante mais ou menos meia hora, falamos sobre a greve, ele era bancário, mas era pura coincidência o nome dele ser o mesmo do presidente do sindicato. Quando eu disse: o senhor não é o presidente do sindicato? Não, ele tem o mesmo nome que eu, pensei que você estivesse querendo ouvir um bancário. Foi doloroso você

entrevistar o cara errado. Você vai aprendendo com os erros. A gente aprende com os erros e os acertos, nossos e dos outros. Tem que ser observador e ter humildade para aceitar isso.

Qual era a situação dos Diários Associados?

Excelente. O Jornal era o líder dos jornais dos Diários Associados, da cadeia de jornais e como era aqui o Distrito Federal, o jornal mais importante era aqui. Brigava com os principais jornais matutinos. Na época que eu comecei a trabalhar em imprensa tinha uns 17 jornais importantes no Rio de Janeiro e tinham uns 5 ou 6 de frente, entre eles O Jornal. Uma época um liderava, outra época outro. Alguns tinham também características próprias. A Última Hora, quando começou, ficou principalmente como um jornal popular, dando noticiário de classes trabalhadoras, de custo de vida. Entrou logo firme nessa área. Você tinha O Jornal com um noticiário nacional incrível porque era em todo o país, um país dessa extensão, era o telex que passava a notícia. Você tinha também o Jornal do Brasil. O Correio da Manhã era o jornal político mais importante inclusive isso na década de 1960 se confirmou plenamente, foi o grande jornal da década de 1960. Você tinha o Diário de Notícias... Tinha uma série de jornais importantes. O Diário Carioca tinha uma cobertura importante de política também, muito bem redigido, muito conciso, interessante.

Em 1959, você vai para a Tribuna da Imprensa. Como você encontra o jornal?

A Tribuna da Imprensa era o jornal do Carlos Lacerda, logo em seguida governador Carlos Lacerda. Ainda cheguei a ver ele uns tempos lá na redação, e ele mandava também, de madrugada ele ficava escrevendo os editoriais, principalmente para a primeira página, e mandava para o jornal. Ele ligava às 3, 4 horas da manhã, me lembro que uma vez eu atendi esse telefonema do Lacerda e ele perguntou assim: "o senhor é novo aí no jornal?". Digo: "Sou, eu estou começando agora e tal". Ele diz assim: "então, é para apanhar meu artigo e meus parabéns". Foi uma coisa que... principalmente para um rapaz, não é? Eu estava começando na profissão. Eu, às vezes, me emociono com a profissão. Mas vamos lá!

Qual a imagem que você tinha do Lacerda?

Política. Eu ainda acreditava em Lacerda. Depois, por várias razões, que eu não vou citar aqui, inclusive algumas muito ruins para ele, que aquela moral, aquela coisa e tal e depois não se revelou tanto assim, mas ele era um senhor jornalista, não é? Engraçado que ele escrevia e não botava pontuação, não tinha ponto, não tinha

vírgula, não tinha nada. O artigo dele chegava escrito em espaço um, para você ter que rebater ele, mas você sentia onde tinha um ponto, você sentia onde tinha uma vírgula. Era impressionante o ritmo do texto do Lacerda. Isso também de certa forma me influenciou muito. Eu reparei isso e primeiro me assustei: ué, o cara não bota ponto? E depois, lendo, era uma coisa claríssima o que ele estava querendo dizer e da maneira que ele estava querendo dizer. Então, o jornalismo, o mais importante de tudo não é fazer o lide assim ou assado, é saber se comunicar, expressar as coisas. Dizer, como Aristóteles falava, o que é mais importante e saber desenvolver isso.

Quem trabalhava da redação da Tribuna naquele momento?

Trabalhava gente muito boa, muito importante, que me ensinou muita coisa. Eu posso citar aqui pelo menos dois grandes nomes: Zuenir Ventura e Luiz Garcia, ambos eram meus chefes. O Zuenir era o cara que cuidava mais de texto e a experiência profissional como jornalista sempre foi do Luiz Garcia. O Garcia sabe tudo sobre jornalismo, tudo, tudo e tudo de uma forma absolutamente correta, ele é uma pessoa de muito bom senso, de muita visão da importância da função do jornalista. Os dois foram importantes embora houvesse outros. Mas a maioria com o defeito de ser lacerdista doente.

Quais os cargos que você ocupou?

Eu fui repórter e fui redator também. Foi uma época, eu ainda bastante jovem, que eu comecei a ser redator porque os meus textos eram textos que eu tinha muita preocupação, eu reescrevia dezenas de vezes fosse preciso. Eu nunca estava satisfeito com o texto, meu texto era muito sofrido porque eu me lembrava muito do Carlos Drummond de Andrade. Aquela célebre frase do Drummond, que eu não sei de quando é, mas o espírito da coisa ele transmitiu sempre isso, a maneira concisa com que ele escrevia. Ele dizia: escrever é cortar palavras. Isso é sensacional. Depois eu li um artigo do Jânio de Freitas, um grande jornalista, dizendo que se você tirasse do seu texto todas as palavras imprestáveis e jogasse numa lata de lixo, você ia se surpreender porque você ia encher a lata. E eu cortava, ia cortando, cortando, e tentando ser o mais objetivo possível. A objetividade tem que ser uma constante no jornalismo. Hoje, tem muita gente que acha que tem que ser a opinião. Opinião não vale nada, vale a de quem seja uma autoridade. O que Aristóteles dizia, também, é que o orador devia trazer a opinião de quem fosse reconhecido pela sociedade para defender aquelas idéias que o orador estava defendendo, mas ao mesmo tempo para valorizar a opinião que estava expressa você tinha que ter o contraditório. É o pai do jornalismo, pai da

comunicação. Eu escrevi um artigo sobre isso: Aristóteles, o pai genético da comunicação.

Mas os jornais nessa época, em que você trabalhou na Tribuna, ainda eram muito marcados pelo partidarismo político?

Todos os jornais. Se você verificar a história da imprensa brasileira, ele é uma imprensa nascida de um movimento político. Os jornais é que deram um grande apoio ao fim da escravatura e à transformação do país numa República, passar do Império para a República, isso é marcante. Depois você tem a chamada República Velha, logo em seguida, quando chega a Revolução de 30, você passa para o que seria a Nova República, na época não é? E você vê sempre isso: os jornais nascem um pouco antes da República, trabalham para a República e quando você chega no final dessa fase que ficou caracterizada como República Velha, década de 1920 para 1930, você tem o surgimento de outros grandes jornais. O Globo é dessa época, de 1925, a Folha de São Paulo é de 1925. São jornais que vêm no momento de transformação e essa transformação é não só política, como principalmente econômica. Eu me espanto hoje de você não ter mais um ou dois jornais no Rio de Janeiro, porque há espaço para isso, há público ansioso ao extremo para ter essa diversificação, até para ter jornais menos engajados. Porque esses jornais eram engajados politicamente, vamos deixar isso bem claro, do ponto de vista do editorial, da posição do jornal como os jornais americanos são. Lá os jornais declaram que apóiam um candidato tal e, às vezes, até de partidos diferentes e fazem a cobertura em função disso. Mas, quanto à cobertura, você já está sabendo que eles vão privilegiar esse candidato e explicam o por que no editorial. Eu acho que o grande problema é esse, hoje há uma grande mistura no texto do que é opinião, do que é uma coisa editorial, com a informação, e o leitor fica mais ou menos perdido nessa história. Depois eles não sabem por que os jornais vendem pouco. Naquela época era bastante claro, nessa época que eles chamavam de imprensa partidária ou imprensa romântica, que as empresa jornalísticas não eram grandes empresas ainda. Na verdade isso, para o leitor, era claríssimo que havia essa separação, essa divisão. A opinião estava no editorial, no noticiário você podia confiar porque o noticiário era cioso daquela coisa que o Aristóteles falava, de você mostrar o contraditório, a posição diferente, até para valorizar a posição que você defende, que você acha mais certa. Você tem que mostrar e deixar as argumentações, a tomada de opinião tem que ser do ouvinte, do telespectador, do leitor, do internauta, não pode ser do jornal. Vai te dar uma coisa já pronta? É prato feito? Não tem sentido.

Quando você ainda estava na Tribuna, houve a mudança da capital federal para Brasília. Como essa mudança influenciou a imprensa carioca?

Num primeiro momento, o próprio Rio de Janeiro não sentiu muito que havia uma diferença porque o Rio de Janeiro antes de ser um centro do poder, de governo federal, sempre foi uma cidade cosmopolita, de turismo internacional, da cultura, de toda a criatividade de cinema, programas de rádio, de tudo que você precisa de criatividade, de romancistas, intelectuais, não houve assim grande preocupação. Depois nós começamos a reparar que diminuía a importância, por exemplo, a gente trabalhava, tinha que ter o noticiário da capital como todos os outros estados sempre tiveram, e aí é que cresce, a partir de 1975, o governo do regime militar estabelece que as repartições, os ministérios todos tem que passar para Brasília para consolidar Brasília. Ai você tem uma queda da produção industrial, agrícola, da economia do Rio de Janeiro, que sempre deu a volta por cima. Onde eles acharam petróleo? No litoral do Rio de Janeiro. Quem é o principal estado produtor de petróleo hoje? Rio de Janeiro. Se o Rio de Janeiro fosse um país árabe, estaria na OPEP e dando bananas para certos outros provincianos aí que acham que eles são mais importantes, poderosos, são a locomotiva do Brasil etc. Não falei nos paulistas não...

A imprensa paulista fica mais forte com a mudança?

Pelo menos mais pretensiosa ficou. Sem dúvida nenhuma. Aliás, eles fazem excelente jornalismo, isso é inegável. Eu acho que hoje o jornal mais importante do Brasil é a Folha de São Paulo. É um jornal que tem muito cuidado, tem muita preocupação com a qualidade da matéria, com o sentido social da cobertura. O Estado de São Paulo é outro, que é uma outra potência há muito tempo, e também faz um jornalismo muito bom. Eles sempre fizeram também rádio muito bem.

Em 1960, o Lacerda assume como governador. Isso muda a Tribuna da Imprensa?

Não na linha da Tribuna da Imprensa. A Tribuna era um jornal que não tinha grande anunciantes até porque o Lacerda baixava o cacete em todo mundo. Sentiu, tanto que pouco depois o jornal foi arrendado para o Jornal do Brasil, passou um momento, até que o Hélio Fernandes pegou o jornal, que é uma outra figura extraordinária do jornalismo, conhecimento jornalístico, da história política do país. Ele está levando o jornal até hoje, não é? A Tribuna sempre foi um jornal de pequena circulação, para um determinado público, como foi o Diário Carioca. Os jornais eminentemente políticos tinham essa coisa. O Correio da Manhã foi uma

coisa engraçada, era também um jornal de intelectuais que sempre deu muita cobertura à criatividade, às artes, cinema, música. Era também um grande jornal do noticiário econômico, não tinha colunas e páginas, mas tudo de importante na economia o Correio dava, aqui e no exterior. E com essa preocupação: notícia econômica internacional não saía na parte internacional, saía destacado em outra página. Nesse sentido de você fazer a coisa pela importância da notícia, pelo foco principal, eu acho que isso foi uma coisa fundamental no Correio do Manhã, na importância que o jornal teve.

Em 1962 você sai da Tribuna e vai para O Globo. Como foi a experiência no Globo?

O Globo sempre foi um jornal de bastante noticiário, mas com um linha editorial muito definida. O "Sistema Globo" hoje ainda é um retrato disso. Você vê a mesma notícia dada da mesma maneira em todos os veículos que eles têm. Você vai ouvir a mesma notícia na CBN, na GloboNews, no Jornal Nacional da TV Globo, no próprio O Globo, escrito da mesma maneira. Essa área política ele é toda ainda segura, direcionada, dentro daquela linha editorial da publicação. O que às vezes invalida o noticiário. Quando você começa a contaminar com essas coisas... Eu sou do período que dono de jornal não entrava na redação, não vinha ordem de cima, tinha um diretor de redação que era um jornalista e com quem você podia dialogar. Os homens querem que faça assim, está bom vamos fazer assim mas nós também podemos... uma coisa que eu sempre ouvi em jornal e que eu acho que é fundamental é o seguinte: o jornalista não briga com a notícia, ou seja, se a notícia agrada ou não a ele jornalista, ou o dono do jornal, isso não tem a menor importância, se é notícia você tem que dar. Hoje um dos desvios piores que eu vejo na mídia é o fato de você estar com essa coisa direcionada e você pecar por omissão, você deixa de dar uma matéria ou informação que você tem, ou dentro daquela matéria para não enfraquecer a matéria ou já para não contrariar o patrão que disse que tem que ser assim e tal. Eu estava uma vez de visita à redação do Jornal do Brasil, eu trabalhava no Correio da Manhã, vi o Alberto Dines chegar e expulsar o Nascimento Brito da redação, porque o Nascimento Brito teve a petulância de chegar para ele e perguntar qual era a manchete do jornal. Ele enrolou, enrolou, estava ali no fechamento do jornal, eu assisti isso, ninguém me contou, daqui um pouco o Dines passa o braço por trás, pelo ombro do Nascimento Brito e vai saindo com ele da redação e fecha a porta da redação, bota ele para fora.

E o Roberto Marinho, era assim também?

Pior, muito pior. O dr Roberto nunca abriu mão disso. Isso que tem hoje no "Sistema Globo" sempre teve, aliás com uma outra característica também, a percepção do que pode ser vantajoso para o veículo ou não. Essa noção hoje: não vamos fazer um jornalismo romântico, é uma empresa e tem que dar lucro. O jornal como um produto, como uma coisa à venda, não na banca, mas com suas possibilidadesdes espaço e de tempo, seja o jornal ou rádio ou televisão. Isso é uma coisa que o Roberto Marinho imprimiu muito nos veículos dele. Não esquecendo que ele foi defensor das causas mais estranhas. Defensor do Golpe Militar ele sempre foi, ele e toda a imprensa da época foi. Ele defendia o governo de Franco na Espanha e, principalmente, o de Salazar em Portugal. Era dose, não é? Era para atender à colônia portuguesa aqui, uma colônia rica que anunciava na rádio, no jornal e financiava o próprio jornal

Foi por esse conflito de idéias que você saiu d'O Globo?

Não, isso é uma outra coisa. Ah, como é que você vai ser um jornalista se o patrão é que diz isso, que diz aquilo. Mas tem aquela história que eu falei: ninguém briga com a notícia. Eu vou fazer a matéria como o patrão quer, tudo bem, eu posso botar o contraditório, não posso? Eu vou botar lá. O leitor atento e inteligente vai ficar com aquela coisa de menos destaque, três linhas que você ponha ali, porque é aquela coisa que vai fazer você pensar, refletir. Há sempre como você, como bom jornalista, fazer uma boa matéria, sem deixar que ela fique suja, maculada dessa influencia patronal ou empresarial ou de negócio, de interesses comerciais e financeiros.

Quais foram seus os cargos em O Globo?

Bom, eu tenho várias passagens pelo Globo. Eu tive três passagens pelo Globo. Aliás, quando eu saí pela primeira vez, me disseram assim: olha, aqui no Globo trabalhou uma vez não volta mais. Tem que passar lá e morrer lá. Eu trabalhei 3 vezes lá, acho que ajudei a quebrar isso. No início fui repórter, tive depois um outro tempo em que fui redator, fazia parte do copidesque. O Globo tinha uma coisa super ultrapassada, os outros jornais já não estavam assim, o Globo ainda conservava. O Globo, ele faz uma modificação, ele tem uma transformação a partir da década de 1970. Então, o copidesque reescrevia tudo no jornal, de notícia de polícia a notícias internacionais. Depois eu, quando saí do Correio da Manhã e fiquei desempregado durante 6 meses, posto para fora pelos homens que entraram lá de verde oliva, no AI-5. No dia 13 para 14 de dezembro [de 1968], já começa a história, eu passei alguns meses desempregado, eu saí de editor de política do Correio da Manhã, que era o jornal político mais importante, para ser redator de

polícia de O Globo, que era a função que estava vaga. Logo depois, eu já sabia que isso ia acontecer porque quem me convidou foi o Moacyr Padilha, que era o diretor de redação. Ele disse: "Pery, eu tenho esse cargo aqui para você agora, mas eu não quero você nessa função não, eu quero você como chefe de reportagem e até como chefe de redação em seguida". Depois eu passei, eu exerci essas duas funções e ainda, no início da década de 1970, quando houve o início da reforma do Globo, eu estruturei a editoria de Economia de O Globo, botei uma estrutura que tinha mais de 20 repórteres. Outra dia eu li que não fui eu, mas tudo bem, eu sei que foi, eu estava lá. Botaram outro dizendo que quem fez a mudança foi quem veio depois de mim. Está bom, ele já encontrou com 20 caras cobrindo os principais setores, cobrindo economia porque eu já tinha experiência de cobertura econômica desde a Tribuna da Imprensa. Teve uma época que perguntaram assim: quem quer cobrir assuntos econômicos? Ninguém, todo mundo saiu porque tinha que lidar com números, matemática. Eu estava completando Direito e já tinha feito duas cadeiras: economia política, que estava muito relacionada com a parte administrativa, e Direito das Finanças ou Finança Públicas, não sei bem como era o nome. Eu já tinha uma noção das coisas e disse timidamente: se não tiver ninguém eu faço. Aí depois eu fui editor de economia de outros jornais, trabalhei na economia também quando trabalhei na sucursal d'O Estado de São Paulo aqui. Enfim, em várias jornais depois eu pude desenvolver tanto a área econômica como a área política. Econômica até por uma questão de opção porque a área política acabou durante muito tempo, acho eu.

Como você chegou ao jornal O Estado de São Paulo?

Quem me levou para lá foi o Luiz Garcia, com quem eu tinha trabalhado na Tribuna da Imprensa. Ele me chamou para lá. Ele gostava do meu trabalho e me chamou e eu fui para lá em 1963 ou 1964, antes de ir para o Correio da Manhã e depois que eu tinha saído pela primeira vez do Globo. Aliás, eu saí do Globo por uma tentação da área publicitária. Eu trabalhei em publicidade também, já trabalhei algumas vezes em publicidade, no final dos anos 1970, porque os órgãos de segurança diziam aos donos de jornais: cuidado com essa figura aí, não deixa ele entrar no seu jornal não. Às vezes eu era convidado, como foi certa feita pelo Elio Gáspari, que foi meu foga, começou a trabalhar comigo e com o Léo Guanabara no Diário de São Paulo. Ele me chamou para lá, eu saí do meu emprego, na véspera liguei para ele: "Como é? Quando é que eu começo aí?". Ele disse: "Olha, tenho um negócio chato para te falar...". Simplesmente, eu não fui. Depois trabalhei na Rádio Jornal do Brasil. Quando trabalhei na Rádio JB eu estranhei, eu disse: "Vem cá, você tá me convidando para esse troço?". Era o Procópio Mineiro, que era o diretor de

jornalismo. "Procópio, você está me chamando para isso? Olha, tem uma história aí... vou te dar o histórico, você tem certeza que eu vou para aí mesmo?". E fui para montar um esquema para cobertura de eleições, que eu já tinha uma experiência grande desde o Correio da Manhã, desde 1966, desde a eleição do Negrão de Lima, que foi uma eleição em que o regime militar impugnou três candidatos seguidos do MDB, Hélio de Almeida, Marechal Lott... Primeiro foi o Lott, que eles não queriam de jeito nenhum. Depois foi o Hélio de Almeida, que foi presidente depois do Clube de Engenharia, engenheiro. E aí também vetaram porque acharam que ele tinha sido esquerdista, tinha feito a campanha do petróleo "O Petróleo é Nosso". Até vir o Negrão de Lima, que o Correio da Manhã apoiou.

Como você avalia a atuação da imprensa no governo do Jânio, no momento da renúncia?

Bom, todo mundo apostava no Jânio. Era uma tentativa de colocar a ideologia empresarial de São Paulo, de Minas e etc. no poder e foi uma grande decepção, porque o cara era realmente louco. Chegou no governo e fazia as coisas mais estranhas do mundo, como se trancar no Hotel Nacional e baterem na porta dele: "Presidente, tem uma reunião no palácio!". E ele: "Será que o presidente não pode ter a vida particular dele, estou com uma senhorita aqui!". Eu não vou contar toda a história não, fiquem tranquilos os senhores políticos. Mas os jornais apoiaram Jânio, como apoiaram o movimento de 1964, os jornais sempre foram muito conservadores. Os jornais começaram a descobrir, ou tinham a pretensão, achavam que dominavam a opinião pública, o que saísse na imprensa, isso é muito aquela história de McLuhan que diz duas grande coisas importantes. Uma é uma grande bobagem e outra é uma coisa certa. A coisa certa é que nós estamos na aldeia global, isso é realmente. A coisa idiota que ele falava, ele também tinha seus momentos de idiotice, era que a mídia é a mensagem. Se você pegasse um veículo importante, por exemplo, com a TV Globo hoje aqui no Brasil, e você passasse aquela informação, você ia fazer a cabeça de todo mundo. Hoje, só um idiota pensa assim porque a notícia, na verdade, tem um trânsito normal e só quando ela bate lá na opinião pública, quando você lê a matéria e acha a matéria importante é que a matéria se torna importante, fora disso, ela não tem a menor importância.

Como era a questão da liberdade jornalística na sucursal d'O Estado de São Paulo?

Excelente, excelente, quando você faz bom jornalismo você pode ter um jornal com uma posição editorial muito firme desde que ele não misture isso com o noticiário e O Estado de São Paulo foi um jornal que eu trabalhei com muita satisfação. Primeiro porque trabalhei com Luiz Garcia, que era um cara por quem eu tinha o maior respeito profissional, a maior consideração e ele por mim também, nós tínhamos um diálogo muito bom, segundo porque o patrão ficava a quase 500 quilômetros de distância, isso é uma maravilha. Seu patrão está lá preocupado com a paulicéia, com outras coisas que não seja o dia a dia, o texto disso ou daquilo. E o jornal tinha também uma posição muito interessante de respeito ao profissional. Eu me lembro, isso aconteceu comigo, aconteceu com vários profissionais da sucursal, uma vez eu fiz uma matéria e um empresário escreveu uma carta que não tem mais tamanho contestando a minha matéria, querendo vender a versão dele e o jornal no dia seguinte botou uma nota da redação reproduzindo em síntese o que o cara dizia, eu creio até que publicou uma entrevista com ele paralela, não estou me recordando mais, isso também era muito normal no jornal e que essa nota de redação concluía com a seguinte frase: respeitamos a opinião do senhor fulano de tal mas ficamos com a versão do nosso repórter. Isso é tudo que um jornalista pode querer. Porque ou você acredita no profissional que você tem ou troca o profissional, caramba! Se o cara está trabalhando corretamente não tem por que ficar contestando qual é a fonte da notícia dele.

No golpe de 64, qual era o posicionamento político do Estadão?

Isso era engraçado, porque era um engajamento total. Até tem um episódio que é muito curioso pelo seguinte: eu ficava nos plantões de fim de semana às vezes, sábado à noite assim, um pouquinho antes do primeiro de abril ou 31 de março, segundo a versão de outros. Quase todo plantão meu, me ligavam para perguntar se a vila estava descendo, eles achavam que o movimento sairia da Vila Militar, do Primeiro Exército e, no entanto, saiu lá da loucura do, depois auto-intitulado Vaca Fardada, que era o general Mourão Filho. Mas insistiam nisso comigo, eles sabiam até a data, estava tudo articulado e tal. Depois aquele grupo que ia fazer o movimento resolveu mudar a data e ficou sem data, ficou esperando não sei o quê, até que o Mourão resolveu sair por conta dele. Um dia, então, me ligam e me perguntam assim, estava próximo do carnaval e me perguntam assim: "a vila já desceu?". E eu disse: "não, só vai descer dia tal que é carnaval, vai descer a Vila, vai descer Mangueira, Império Serrano, Salgueiro...". Eu não sabia de nada, não é? Isso foi num sábado, na segunda-feira de manhã o Luiz Garcia me chamou e disse: "Pô, Pery, foi difícil segurar o teu emprego". Pediram a minha cabeça e o Luiz Garcia segurou. O Luiz Garcia disse: "não, não abro mão dele não". E respeitaram a

vontade do Luiz Garcia, porque era quem estava relacionado mais com o profissional. Mas é engraçado, eu não sabia que a minha petulância... a pessoa que estava falando comigo no telefone estava junto ao sr. Julio de Mesquita, o dono do jornal, e a pergunta tinha sido dele, só e apenas. Esse é um dos episódios. Episódios com donos, tenho muitos. O Júlio de Mesquita uma vez foi à redação e ninguém conhecia ele. Foi um negócio muito engraçado. Chegou na sucursal procurando o diretor da redação, que era o Prudente de Moraes Neto, uma figura maravilhosa, foi presidente da ABI, grande jornalista, grande figura humana. Aí o Prudente não tinha chegado ainda do almoço e alguém disse: "o senhor senta aí, espera um pouco que ele deve estar chegando". O cara ficou sentado lá durante meia hora quietinho, esperando. Depois o Dr. Prudente chegou e entraram, ficaram mais ou menos uma hora conversando, depois ele levou o Julio de Mesquita ao elevador, voltou e perguntou: "você conhecem esse senhor que saiu daqui? É o dono do jornal". Todo mundo quis desaparecer dali. Espero que ele não se lembre da minha cara e da minha voz nunca mais. Ele não reclamou, o Prudente não disse isso ou aquilo. Esse era o clima da redação do Estadão, que tinha um bando de moleques brincalhões, que faziam o seguinte: botavam como se fosse aquelas rosetas de cavalarião, espora para acionar o cavalo e uns pregavam nos sapatos dos outros. E uns dos caras uma vez saiu da redação assim e só quem viu foi o Prudente de Moraes Neto, na condução. Ele reclamou: vocês me fizeram passar vexame, eu estava de espora no ônibus. Mas só isso, sem nenhum "ato institucional" por causa disso. Era essa figura, o que engrandece mais ainda a figura do Prudente de Moraes.

Ele era uma figura muito querida, não é?

Muito, porque era uma figura muito doce e um profissional muito competente. Ele tinha um artigo que ele fazia a mão, ele tirava os óculos, porque ele tinha uma lente grossa, mas para escrever não, tirava os óculos, escrevia à mão e a gente podia contar 18 minutos certinhos, todo dia, da hora que ele começava até a hora que ele terminava o artigo. Sem um erro. Quando entregava não tinha nada para rever, nenhuma palavra que você não entendesse. Era um jornalista com essa qualidade da objetividade acentuada.

Qual era a situação do Correio da Manhã quando você entra lá pela primeira vez?

Bom, o Correio da Manhã, quem me levou para lá foi Newton Rodrigues, era um jornalista com muita experiência na área política, morreu recentemente, acho que há dois ou três anos. O Newton, eu tinha trabalhado com ele. Quando saí do Globo

fui trabalhar em agência de publicidade, na Standard Propaganda. Trabalhei no SIRP, Serviço Internacional de Relações Públicas, a Standard tinha um tal número de contas de multinacionais, de empresas de porte que criou um parte para divulgação, chamava relações públicas mas era mais divulgação mesmo, passar informação mesmo para a imprensa. O Newton, quando foi dirigir a redação do Correio da Manhã, me chamou. Aí eu fui trabalhar com o Newton, mais ou menos a mesma história que já contei aqui com o Moacyr Padilha. "Pery, você vem para cá, eu estou precisando de um editor de Economia, mas eu quero que depois você chefie a reportagem, a redação"... porque eles apostavam muito em mim. Não sei por que, talvez porque eu era um pé de boi, eu trabalhava 18 horas por dia até ter a notícia redondinha, concluída, isso era para mim normal. Aliás, no Correio da Manhã encontrei esse espírito, os repórteres que começavam de manhã e que tinham feito cobertura de manhã e entregue matéria entre meio dia e duas horas da tarde, ficavam até a hora do jornal circular para ver como a sua matéria saiu. Ficavam papeando, gostavam de ficar no jornal e gostavam daquilo que faziam a ponto de querer ver a matéria impressa. Isso é muito importante, hoje, você entra numa redação de jornal, pela informatização, parece que está entrando num escritório da IBM e pelo silêncio também, só aquele tec tec tec do computador que é tão sutil que quase ninguém ouve. Ninguém fuma, ninguém bebe, ninguém grita. É uma coisa estranhíssima. Uma vez no Globo, eram sete horas da noite mais ou menos e eles estavam construindo um girau dentro da redação para botar o Segundo Caderno lá. E um operário veio e começou a bater o martelo, na terceira martelada dele... bom, deixa eu dar o ambiente da redação: uma fumaça incrível, todo mundo fumava na redação, telefone tocando adoidado, as pessoas gritando, barulho de máquina, de telex, vozerio, conversação toda ali, e o editor pedindo a matéria. Barulho ensurdecedor, parecia um gare da Central do Brasil às seis horas da tarde, ou hoje de um metrô a qualquer hora do dia. Quando ele deu a terceira martelada, foi unânime, a redação parou, fez um silêncio terrível e duas ou três pessoas ao mesmo tempo gritaram: "pára com esse barulho!". Até hoje o cara está lá, coitado, segurando o martelo sem entender nada! Era um barulho estranho. Hoje não tem barulho em redação. Para mim é horrível, parece que estou entrando no meio da missa de uma grande figura que se foi. Um silêncio terrível...

Como era o ambiente do Correio da Manhã?

O melhor possível, brincadeira o tempo todo também, molecagem. Por exemplo, na época da ditadura uma das coisas que o pessoal mais gostava de fazer era atender o telefone e o sujeito dizer: "quem quer falar com ele?" "Diga que é o Luciano", por exemplo, aí dizia assim: "fulano, é o coronel Luciano do SNI que quer falar com

“você”. Todo mundo olhava para o cara e dizia: o que é isso, o cara é um traíra dentro da redação, é um observador? Era pura molecagem, fazia-se muito esse tipo de brincadeira. Nos momentos mais difíceis do trabalho havia sempre isso. Aliás, eu conto num livro meu uma história do Correio, de um contínuo, o Seu Brito, que é uma história muito interessante. No dia seguinte ao AI-5, foi no dia 13, então no dia 14, oito coronéis entraram no Correio da Manhã e ficaram na sala dos editorialistas, e ali todas as matérias tinham que ser enviadas para eles para fazerem a censura das matérias. Por volta das quatro horas, quatro e meia, o Seu Brito servia o café para os editorialistas, que estavam ali numa reunião discutindo o que ia ser o editorial, enfim, discutindo coisas importantes da linha do jornal, e o Brito veio com aquela bandeja de café, aquele cheirinho de café maravilhoso, ele empurrou a porta com o pé olhou e o cheirinho do café chegou a entrar na sala e ele diz: “Ih! Não tem jornalista!” E voltou com a bandeja de café. Essa foi a primeira manifestação popular que eu vi contra o AI-5. Foi uma coisa inacreditável. Esse Seu Brito era um figuraça, era bem capaz disso mesmo. Ele era bem escuro e ele dizia assim: Comigo, escureceu tem que alvejar! Nos dois sentidos, ele enfrentava qualquer parada. Aí a gente viu que realmente enfrentava, porque ver aquele monte de coronéis e dizer isso, deixar os caras com o cheirinho de café, é doloroso...

Quem mais estava na redação do Correio nessa época?

Tinha muita gente muito boa e muito importante. Tinha, por exemplo, o Otto Maria Carpeaux, uma enciclopédia ambulante. O que os repórteres não conseguiam achar, naquele tempo não tinha internet, se consultava as enciclopédias, você podia perguntar ao Carpeaux. Ele era capaz de explicar meia hora sobre qualquer coisa que os repórteres perguntassem. Naquela época, era uma coisa interessante o seguinte: havia médicos que trabalhavam no jornal, que tinham sido repórteres. O sujeito não tinha diploma? Não. Era assim: o cara arrumava um emprego no jornal enquanto estava estudando e ficava alucinado pelo trabalho do jornal, se formava e 10, 15, 20 anos depois, estava lá como redator, de noite. Havia médicos famosos como, por exemplo, o Carlos Seidl, tinha engenheiros... Caiu uma ponte, o edifício desabou, o repórter antes de sair conversava com eles, que davam os termos técnicos para o repórter. O repórter chegava lá, fosse medicina, engenharia, direito... e o entrevistado se espantava com o conhecimento que o sujeito demonstrava ter, que era um conhecimento adquirido naquele momento, para aquela entrevista. Tinha Paulo Francis, o Hermano Alves, que depois foi deputado federal, Hermano de Deus Nobre Alves. Quando chamava o nome todo dele: “Hermano de Deus Nobre Alves, telefone!” Ele ficava uma fera. Ele não tinha

religião também, ao contrário, ele era ateu, então, ele ficava uma fera porque botaram o nome dele de "irmão de deus", ele não usava isso no jornalismo, a gente brincava muito com ele. Tinha, de passagem pela redação, não o tempo todo lá, tinha o Carlos Drummond de Andrade, naquela época, só o CDA, que era um doce figura. Tinha o Nelson Rodrigues, que virou essa expressão no teatro, no jornalismo e na literatura brasileira. Enfim, o que tinha de gente de alta competência, de alto gabarito, era uma redação realmente de intelectuais, eu fiz parte, por acaso, até porque eu era apenas um jovem esforçado profissional naquela época. Hoje tenho um vernizinho mais cultural, não é grande coisa mas já é um veniz.

Como era a hierarquia dentro da redação?

A hierarquia era a seguinte: você tinha um diretor de redação, que quase não falava com a gente, não se metia no trabalho da redação. Tinha o primeiro secretário do jornal, que era o Aluísio Branco, que era um doce figura também e que não enchia o saco de ninguém, ficava na dele. A ordem da coisa era assim: o repórter entregava a matéria para o chefe de reportagem ou para o seu editor, para sua área, e todo mundo encaminhava isso para o Aluisio, que decidia como saía, se saía ou não saía: "Vamos dar destaque nisso... Isso é bom, me dá uma chamada de primeira página." Aí ia para um sistema, na verdade nós fazíamos um triunvirato na edição do jornal que tinha um editor de texto que trabalhava com copidesque, então, já redigia a matéria no tamanho, reescrevia, cortava, se fosse o caso. Outro editor que seria o cara que trabalhava com os diagramadores, hoje designers, era o cara que riscava a página para ir para a oficina junto com os originais, é o cara que fechava as páginas. Nos grande eventos esse editor fechava o jornal quase todo, como aconteceu na Passeata dos Cem Mil que eu editei, tive a felicidade de editar e nós publicamos 15 páginas só sobre a passeata. Foi a maior cobertura dos jornais da época disparado, inclusive, do jeito que foi feito, que era uma contestação ao movimento militar e que não havia nenhuma hipótese de os outros jornais fazerem a cobertura que o Correio da Manhã fez, nenhuma hipótese. Pelo engajamento que eles tinham e tal. Porque o Correio apoiou a revolução, chegou a fazer três artigos de primeira página com uma virulência enorme contra o João Goulart: o "Chega", "Basta" e "Fora". O último foi "Fora". Citam dois, mas é gente que não foi lá na Biblioteca Nacional e viu a coleção do jornal. E, no entanto, a partir do momento em que aquele movimento que se dizia democrático, que se dizia contra a corrupção e contra a subversão começou a se transformar numa ditadura, o Correio imediatamente passou para o outro lado e combateu radicalmente, mas com toda a lisura, independente de censura. Há edições do Correio inacreditáveis, da ousadia do jornal. A Niomar Muniz Sodré foi presa uma

vez e um dos carcereiros disse para uma pessoa que foi visitá-la que o único homem que tinha ali dentro era a Dona Niomar. Ela respondia na bucha para todos eles e reclamava toda hora, teve atitudes realmente de uma pessoa que preza demais a sua liberdade. Isso o carcereiro dizendo para uma pessoa que foi visitá-la numa penitenciária, presa pelo regime militar.

Pery, queria que você comentasse também sobre algumas outras pessoas que não estão mais aqui e que foram muito importante nesse momento no Correio da Manhã. Eu lembraria o Luiz Alberto Bahia, Osvaldo Peralva, Antonio Callado... Fala um pouco dessas pessoas.

O Bahia, quando eu cheguei já não estava mais lá. Aliás duas figuras com quem eu gostaria muito de ter trabalhado, que trabalharam no Correio da Manhã, o Jânio de Freitas e o Bahia. O Callado é um intelectual dentro da redação, era um Carpeaux, só que era na dele. O Callado foi um grande jornalista também, foi editorialista do jornal. Um dos grandes editoriais do Correio da Manhã foi do Callado. O Peralva era um figura emblemática dentro do jornal. O Peralva, ele tinha uma história, ele foi do Partido Comunista e escreveu um livro depois e rompeu com o Partido Comunista. Era um dos profissionais mais experimentados que já conheci. Logo depois que eu entrei para o jornal, acho que um ou dois anos depois, mais ou menos, não estava mais o Newton Rodrigues dirigindo a redação, estava o Osvaldo Peralva, e foi com ele inclusive que eu fui conversar sobre minha matéria sobre o Parasar, que foi uma denúncia que o Correio fez e que eu assinei. O Peralva era um diretor de redação que tinha muita noção de que ele era um elo entre a redação e o dono da empresa. Então, ele era muito cioso disso, qualquer coisa que fosse decidida, contra ou a favor, em relação aos profissionais da redação, a palavra final era dele. A gente nem sabia se era da Niomar, dele ou de diretor tal ou qual, porque a figura do diretor de redação era exatamente para isso, como foi também lá no Globo, o Moacyr Padilha, que era uma grande figura também. Era o perfil, como foi o Alberto Dines no Jornal do Brasil, muita cultura, muita experiência profissional e um profundo respeito ao trabalho do jornalista, do profissional, repórter, redator e tal. Eu me lembro que uma vez o Aluísio Branco, que era essa doce criatura, o Bertholdo de Castro pode contar essa história, foi ele que me contou, que era repórter lá na época, viu o Aluísio chamar atenção do redator que tinha falado num tom considerado um pouco mais agressivo com o repórter. "O senhor respeite o repórter, respeite o profissional da casa". E num tom bem ameno, sem esporro, porque o Aluísio não era disso, era uma pessoa de um trato espetacular. O Peralva foi muito importante naquele período pré AI-5 e me constrangeu muito ver aquela pessoa tão educada, tão preparada, tão bom

profissional ser enfiado numa caçamba de uma perua da polícia e levado preso como se fosse um marginal qualquer. Uma pessoa que se dissesse para ele “o senhor está preso, senta aqui”, ele acataria. Os caras puxaram a metralhadora, atiraram, fizeram o diabo, quando invadiram o Correio da Manhã.

Quais são os episódios mais dramáticos do Correio da Manhã nessa época?

Eu acho que o pior de todos é o fato que eu também conto nesse livro “Calandra”, que eu escrevi, foi o fato de que quando a ditadura invade o jornal, quando o regime militar toma conta do jornal e mata a alma do jornal. É o fim do jornal, acho que foi aí, um fim anunciado, porque eles cortaram publicidade, jogaram bomba em agência do jornal, da principal agência do jornal, que hoje é uma agência do Globo na Avenida Rio Branco, que eles fizeram todo o cerceamento possível, estrangular financeiramente, estrangular comercialmente o jornal, mais aquela presença física do regime, fardado, dentro da redação como não aconteceu com outros veículos. Os jornais que mais sofreram naquele período foram a Última Hora, pelas ligações óbvias, desde Getúlio, com Jango, e o Correio da Manhã pela firmeza da sua posição. Foi muito triste ver o jornal, felizmente depois do AI-5 eu passei só cinco dias na redação do jornal porque me neguei a continuar escrevendo sobre política, pedi que me mandassem para outra área, economia, geral, o que fosse, não me mandaram, disseram que eu teria que continuar escrevendo sobre política e no quinto dia me demitiram. Me botaram para fora do jornal. Eu tinha uma filha com pouco menos de um ano e fiquei desempregado, fiquei na rua, mas tudo bem.

O que foi o caso Para-Sar?

Isso foi um caso interessantíssimo. As manifestações, quando você fala em década de 60, houve coisas lá fora, na França, nos Estados Unidos, mas de natureza diferente. Aqui era um regime ditatorial e quem enfrentou de peito aberto a ditadura foram os jovens. Eu acho até que a classe média estava envergonhada de ter dado apoio ao regime militar e aquilo se transformar no que se transformou, embora a opinião pública não tivesse noção de muita coisa que acontecia, por causa da censura, já que você não podia publicar. O Correio foi o jornal que driblou isso da melhor forma possível. Eu me lembro muito bem que no início logo que houve aquele surto de censura, eles ligavam para lá, era a Polícia Federal que ligava para as redações e eles diziam assim: “não pode publicar nada sobre isso assim, assim”. Quem atendia entrevistava o cara, conversava com ele, dizia que não era para publicar não e tal, eles diziam que não era para publicar porque não era verdade. Aí o Correio da Manhã, durante vários dias fez isso, botava assim: “Não é verdade que não sei o quê...” e contava a história toda. Quando o cara

reclamava a gente falava que estávamos dizendo que não era verdade isso. Eles não conheciam técnica de jornalismo e essa foi uma saída inteligente que havia na época.

Como foi a sua cobertura do Para-Sar?

Muito bem. Como havia aquelas manifestações todas, um grupo radical... é preciso você separar isso, eu, por exemplo, não tenho nada contra os militares, eu acho que eles tiveram e têm uma importância fundamental dentro do país, da organização, da conservação das fronteiras, da defesa dos interesses nacionais, há militares que tiveram uma importância fundamental na campanha do Petróleo é Nosso. Hoje, o Brasil está para se transformar numa grande nação econômica, inclusive, porque houve quem defendesse o petróleo nacional mas na década de 60 o movimento foi ou de maluco como o Mourão Filho, o Vaca Fardada, que depois não assume nada, função nenhuma dentro do governo militar. O cara que começou a revolução sai de cena. Isso é uma coisa inédita, eu acho que só no Brasil poderia acontecer uma coisa dessas. Ou são radicais, corruptos na maioria. Teve uma vez um major que deu um tiro num tenente-coronel dentro da Vila Militar, os dois faziam recolhimento do dinheiro do jogo do bicho e da prostituição na Baixada. Nunca esquecendo que há um capitão que hoje está aí como líder de escola de samba, que era capitão do exército naquela época e que se ligou aos banqueiros do bicho e se transformou hoje na principal figura. Não vai me processar, hem? Isso é fato notório, não estou dizendo nada que as pessoas não conheçam. Há duas coisas que são muito importantes de assinalar naquele período, que é o seguinte: primeiro você tem aquele episódio do assassinato do Edson Luís, um rapaz humilde que veio do interior para cá e foi morto pela polícia, outros já disseram que foi pela Aeronáutica, que foi alguém da Aeronáutica que assassinou o rapaz, e a outra coisa fundamental daquele momento é que os estudantes se articularam, se organizaram e conseguiram mobilizar a opinião pública em função de retratar isso, de que forma, com que violência aquele regime estava atacando a nossa juventude. Na mesma época, um outro fato que é muito pouco lembrado, está no livro do Arthur José Poerner, "O Poder Jovem", que o Poerner fala do acordo MEC-Usaid. A ditadura militar, assim como tinha uma operação lá fora, a Condor, de articulação militar, ela introduziu uma reforma universitária no Brasil, no ensino como um todo, graças a um acordo feito com a Usaid, que era a agência de assistência norte-americana para financiamento de grandes projetos que eles criaram lá nos Estados Unidos para sustentar essas ditaduras no continente, e que acabou com a possibilidade de reunião entre jovens. Esse sistema cretino que existe hoje de você entrar numa turma na faculdade e ser quase um legião estrangeira, você não

conhece ninguém, isso é imposto pelo regime militar. Antes era aquele negócio de um ano para cada período, aí fragmentaram para seis meses e deixaram que cada um escolhesse a disciplina que queria cursar e etc. Para não ter gente conversando coisa séria, como o pessoal da faculdade de Direito que fazia o curso todo junto. Eu, como aluno de Direito, cansei de me deitar no meio na rua para impedir o bonde de passar que a gente estava protestando contra preço de passagem de bonde e aquilo era centavos mesmo porque aquilo era um condução popular, o povão todo só viajava de bonde. Então os estudantes, já há algum tempo, foram crescendo na sua participação e isso preocupou muito os mais radicais que começaram a ter idéia de infiltrar gente no movimento estudantil e matar gente. Por exemplo, quando houve a Passeata dos Cem Mil, o boato que corria na redações de jornal e com certeza com algum fundo de verdade era de que ali naquele ato o Vladimir Palmeira, que era um dos líderes do movimento, seria assassinado. Bom, nesse período eu estou como editor de política do Correio da Manhã, antes chefe de reportagem, depois editor político do Correio da Manhã, e por informação de oficiais superiores da Aeronáutica que eram mais alinhados, estavam mais de acordo com a linha do brigadeiro Eduardo Gomes - que era um grande nacionalista, uma figura expoente do meio militar e da Aeronáutica -, que tinha havido uma reunião convocada pelo brigadeiro João Paulo Burnier, com o beneplácito do gabinete do ministro Márcio de Souza e Mello, que era o ministro da Aeronáutica, para transformar o Para-Sar, que era e ainda é uma estrutura militar voltada para salvamento de vida, esse "sar" é de salvamento aéreo, "para" de paraquedista, então eles mergulhavam, por exemplo, na Floresta Amazônica para ver se tinha sobrevivente de um desastre aéreo e tal, e que recolhia as pessoas porque era um lugar inacessível, eles desciam e abriam uma clareira para poder descer um helicóptero com o material para poder fazer o trabalho de salvamento, de resgate dos corpos. Era uma função absolutamente técnica, absolutamente humanitária que o, com licença da palavra, maluco, radical e outras coisas mais João Paulo Burnier transformou o que o Zuenir Ventura chamou no livro dele "1968" como o terror oficial, o terror de governo. Caras com licença para matar, e matar lideranças estudantis. O nome desse meu artigo é "Operação Mata Estudante" que depois virou a cobertura sobre o Para-Sar porque eu contei a história toda. Um belo dia, eu, também, tenho uma mira certa, eu fiquei no meio do caminho, exatamente no meio do caminho. O AI-5 é 13 de dezembro de 1968, pois esse maluco aqui, no dia 4 de outubro de 1968, às vésperas quase do AI-5 publica um artigo de três colunas de alto a baixo na terceira página do Correio da Manhã denunciando todo o plano e todas essas reuniões contando detalhes e etc. Por que eu fiz isso? Por duas razões: a primeira razão foi que nenhum jornal ia

publicar a matéria, nem o Jornal do Brasil... Eu recebi a visita na redação do Gildávio Ribeiro, que era um grande repórter do Jornal do Brasil, que cobria essa área. Ele me chamava de "chefe Cotinha" e ele disse: "Chefe Cotinha, estou chateado porque o meu jornal não vai dar isso, você tem isso?". Eu tinha, algumas coisa eu não tinha, outras ele não tinha, trocamos informações. Perguntei: "Os outros jornais não vão publicar?" Ele riu: "Menos ainda, já liguei para fulano, já falei com beltrano e ninguém vai publicar, eu acho que só o Correio da Manhã pode publicar isso". Aí eu falei com o Peralva. Por que ninguém queria publicar? Porque tinha saído uma nota do gabinete do ministro da Aeronáutica dizendo que aquilo era mentira. O Correio da Manhã já estava dando aquilo e alguns jornais outros esporçamente mas também davam, mas o Correio, incisivamente há vários meses, estava dando isso. Eu tinha inclusive informações, estou revelando hoje não a fonte, mas as ligações da minha fonte com o que tinha de melhor na Aeronáutica. Eu falei isso tudo para o Peralva e ele disse que o Correio não poderia bancar isso sozinho e me perguntou se eu assinava matéria. E o maluco aqui disse que sim. Eu fiquei no meio da estrada e lá vem o caminhão para me atropelar que é o caminhão que vem depois que é o AI-5. Mas eu acho que faria isso de novo e várias vezes se fosse necessário por causa daquela preocupação com o interesse público, aquela preocupação social que eu acho que o jornalista tem. Não é uma profissão comum, não é qualquer um que pode ser jornalista, se não tiver um senso crítico e uma preocupação social.

Pery, quem era a fonte?

Isso morre comigo, mesmo hoje. Olha, o Garganta Profunda é que se pronunciou lá nos Estados Unidos com o Watergate, o meu Garganta Profunda que se pronuncie, eu não sei se ele está vivo, acho que não está mais porque eram oficiais gerais, um deles era brigadeiro inclusive.

Pery, e o Sérgio Macaco nessa história?

Não conhecia. Era interessante isso porque um dia, por exemplo, me prenderam para prestar depoimento e meia hora depois, na verdade nós passamos o dia inteiro e a noite toda também lá, trouxeram um oficial, um cara grande e forte para caramba que eu sabia que era o Sérgio Macaco mas ele não me conhecia. Porque eles achavam que ele me conhecia e que nós íamos ficar conversando ali e com certeza tinha até um esquema de gravação. Nesse dia os caras ficaram olhando pelo buraco da fechadura do lugar onde nós estávamos. Coisa ridícula! E eu na minha, sentado ali e nem olhava para o Sérgio Macaco e o Sérgio Macaco também porque não sabia quem eu era, não é? E ficou assim. Uma vez que ele tentou

conversar porque nós estávamos lá há horas e eu me fiz de surdo. Eu pensei: se esse cara insistir eu me levanto, e com todas as conseqüências que isso pode ter, eu dou uma porrada nele porque eu não posso ter ligação com ele, eu sabia quem ele era e sabia que a atitude dele é que tinha impedido que a coisa acontecesse.

Explica, para registro, toda a história.

O que aconteceu foi o seguinte: O Burnier queria mobilizar esse pessoal que era altamente preparado para, à paisana, no meio da massa humana, eliminar os caras fisicamente. Ou prender e jogar de helicóptero dentro d'água como foi feito na Argentina e os caras hoje estão pagando por isso, mesmo 30 anos depois. O governo ditatorial lá é uma década depois, 1976, governo Videla, aqueles outros generais lá e aconteceu no Chile, o Pinochet cansou de fazer isso, o pessoal do Pinochet também está hoje sendo preso, o próprio Pinochet foi preso e no Uruguai. Só não aconteceu no Brasil graças a duas coisas: a resistência do Sérgio Macaco, que era o instrutor dessa tropa, e o fato do Correio da Manhã ter publicado a matéria, lógico que com a minha ajuda, a minha assinatura lá também. Eu tenho uma pequena participação nisso. Não fosse isso, teria acontecido no Brasil também. É isso que eu acho que tem certos momento que tem que ser meio maluco, meio inconseqüente.

O Sérgio Macaco foi fonte de outros jornais?

Não sei. Ele nunca foi minha fonte, nunca. Eu fui conhecer Sérgio Macaco depois numa agência de um banco, onde o gerente do banco era meu amigo e era amigo dele também, e eu e o Sérgio Macaco tínhamos conta no mesmo banco porque tínhamos sido levados pelo mesmo gerente, que era o José Navarro, que era de um banco e passou para outro e me telefonou pedindo para abrir um conta, uma conta que eu tenho, até como homenagem ao Navarro, há 35 anos. Eu não conhecia, um dia eu estou sentado lá conversando com o Navarro vem um senhor, sentou e o Navarro perguntou: Vocês não se conhecem, você sabe quem é esse aqui? Ele não sabia e nem eu. Quer dizer: eu sabia porque eu tinha a descrição dele, eu sabia como ele era. Eu disse: Não, eu sei quem é mas nunca fui apresentado a ele. Foi o Navarro que nos apresentou. E lá eles achavam... eles queriam ferrar esse grupo e toda essa linha verdadeiramente pacifista dentro das funções nobres que os militares sempre exerceram no Brasil. Eles queriam eliminar esse pessoal mas era um agente muito estranha. Tem umas histórias de corrupção que eu não posso contar, eu tive acesso a todo o material mas eu não posso contar porque eu não quero ser processado, me aborrecer mais com essa raça. Eu acho que a coisa que eu tinha que fazer eu fiz e acabou, para mim caiu no esquecimento. E toda a

perseguição política, eu tive ficha nos órgãos de segurança de 1965 a 1986, já no governo Sarney, quando eu pedi meu habeas-data para requerer a minha anistia, para reparar a injustiça que eles tinham feito porque eu tinha um monte de provas em relação a isso mas só agora, há pouco tempo, que a minha anistia saiu, mais de 40 anos depois. E de 65 a 86 pelas fichas, porque aí mudou o regime, pelo fichário ideológico desse setor de segurança. E durante esse período todo foi uma perseguição pessoal do Burnier, como eu disse, ele ligava para a redação dos jornais e qualquer lugar onde me chamavam. No caso do Jornal do Brasil, o Nascimento Brito, foi oficial da Aeronáutica, era major da Aeronáutica, da reserva mas era. O cara ligou lá, com certeza. A conversa era aquela: vocês vão botar esse comunista. Nesse período de 21 anos eu começo como simpatizante do comunismo, viro comunista e depois viro ativista do Partido Comunista infiltrado nas redações de jornal, o que é muito engraçado. E os comunistas, o pessoal mais à esquerda achava que eu era reacionário, que era conservador e o pessoal mais conservador achava que eu era comunista. Nunca tive ligação a partido nenhum, o meu partido sempre foi o jornalismo.

Pery, essa descrição de simpatizante comunista é a que está em seu habeas-data?

Está lá, oficialmente.

Você pode descrever para a gente o que foi aquela noite de 13 de dezembro de 1968 no Correio da Manhã? Você falou do Peralva sendo enfiado no camburão...

Eu quando escrevi o livro "Calandra", eu escrevi assim em algumas semanas e quando eu acabei de escrever o livro, a minha pele estava toda com erupções. Eu tive uma reação alérgica terrível porque embora eu procure ser o jornalista que tem que ser objetivo e tal, eu sou gente e lembrar aquilo para mim foi terrível. Você me perguntou e eu vou responder mas eu quero que fique bem claro que eu não estou aqui para me apresentar como herói, como coisa nenhuma. Eu já estava trabalhando na Rádio Jornal do Brasil e veio aqui ao Brasil um sujeito que morreu há pouco tempo, um brasileiro que se chamava John Forster Dulles Junior, que é um cara que escreveu vários livros, inclusive sobre Lacerda e ele queria saber qual era aquela história do Para-Sar, se era verdade que eles queriam matar também lideranças políticas. Iam matar, iam matar o Lacerda e também o Juscelino, ou mataram depois? Porque até hoje a morte do Jango, do Juscelino e do Lacerda são muito estranhas, muito estranhas e por uma série de razões que não vale a pena contar aqui. Quem invadiu o Correio da Manhã foi o pessoal do Dops, inclusive,

comandado por uma das figuras mais asquerosas, mais esquisitas, que, na verdade, era um segurança daquele bandeirão popular que tinha na Praça da Bandeira, comida de graça para dar aos pobres na década de 60. Ele era um segurançazinho, ele virou dedo-duro, se incorporou ao pessoal do Departamento de Ordem Política e Social e virou investigador. Ele é que comandou a invasão ao Correio da Manhã. Ele entrou, com aquele choque, com aquela tropa toda e eu me lembro muito bem de uma figura que estava por trás dele. Quando o Peralva desceu de elevador, eu e um repórter de polícia chamado Francisco Pinto, nós descemos pela escada, um lance pequeno de escada e rapidamente chegamos lá na hora que eles estavam ainda falando com o Peralva e tal e que, em seguida, deram ordem de prisão para o Peralva. Quando algemaram pelas costas o Peralva, eu protestei: Espera aí, cara, ele é um diretor do jornal, como vcs vão botar a mão nele assim? O Mário, essa figurinha lá do Dops, disse: ah é? Então vc vai levar um tiro! E mirou o revólver contra mim. A minha sorte é que o Pinto, que era repórter de polícia e tinha muita experiência nessa coisa, ele deu uma pancada na mão dele para cima. A bala ficou no teto do Correio da Manhã por muito anos, ela encravou ali. Era para ir na minha cara, eu não estaria aqui contando isso aqui. Eu confio muito, desde aquela época, no meu anjo da guarda. Posso dizer com toda a segurança para vcs que anjo da guarda existe porque não tem outra explicação. Pelos momentos, instantes que já passei e que não aconteceu nada, de todas as ordens, eu tenho alguém que está guardando. Aí, imediatamente eles pegaram, com a maior brutalidade possível, um negão que tinha uns dois metros de altura por dois de largura com a metralhadora na mão e armou a metralhadora. Vc sabe que metralhadora quando se arma, se vc fizer o mais leve toque, corta ao meio uma pessoa e o cara não tem como segurar a arma. O cara armou a metralhadora e eu e o Francisco Pinto ficamos na nossa, não é? Fazer o quê? Rapidamente eles pegaram o Peralva, um outro cara lá fora, já tinha o camburão parado, levantou aquela e jogou o Peralva dentro daquele camburão como se ele fosse um traficante, um marginal, um assassino. Era a filosofia deles, nós éramos inimigos. Essa era a cabeça dessa gente.

Teve uma notícia que saiu nos classificados no dia seguinte sobre isso, não teve?

O Correio fazia coisas extraordinárias tinha sempre um meio de colocar as coisas mas era já um hábito. Um pouco antes houve um atraso, no ano anterior já não estava numa situação financeira muito boa e atrasou o décimo-terceiro, e aí saiu em corpo seis, na entrelinha de um noticiário do Papadopolus, que era um ditador na Grécia na época. Aí o general Papadopolus disse, dois pontos, aí entrou aquela

linha assim: "Niomar, pague-nos o décimo-terceiro". Eu não me recordo, mas é bem provável que tenha acontecido. O Correio sempre tinha maneiras de passar as suas informações, mesmo essas de natureza muito interna, pessoal. Foi uma resposta e o décimo-terceiro foi pago.

Em seguida você vai para o Globo?

É, vou para O Globo.

E qual foi a sua experiência num jornal que tinha aderido ao Golpe?

Todos ele tinham aderido. Olha só, vinculam muito a figura do Roberto Marinho e a figura do Sistema Globo de um modo geral, principalmente o fato de que a TV Globo nasce em 1965, aliás não tinha importância nenhuma quando apareceu, nenhuma, zero. A Globo passou três anos no vermelho, ia ser fechada, quem salvou a Globo foi aquele que começou como contínuo em televisão e que depois foi substituído pelo Boni, que é o Walter Clark. Walter Clark que botou a empresa de televisão Globo nos eixos e faturando. A partir, inclusive da cobertura que eles fizeram em 1966, 67 das enchentes no Rio de Janeiro. TV Globo botou câmeras nas rua e ali encheu mesmo, o Rio de Janeiro encheu mesmo. Eu passei três dias na redação do Correio da Manhã sem poder sair, a água estava pela cintura, como é que ia para casa, eu morava no Flamengo, passando pelo Catete, o Catete então, estava todo alagado. Uma coisa que eu nunca vi no Rio de Janeiro, aquela enchente, depois eles trataram de limpar bueiros e não houve mais tanta enchente, hoje são locais que alagam.

Você chega a pegar a transformação do Globo na passagem do Moacyr Padilha para o Evandro Carlos de Andrade?

Não, o Evandro, nós não nos cruzamos, nossos anjos da guarda não sintonizaram direito e o meu recomendou que eu saísse do jornal. Eu pedi demissão, eles demoraram um mês para me dar essa demissão porque tanto o Rogério Marinho e o próprio Dr Roberto fizeram tudo para me manter no Globo. Eu era o mesmo profissional dedicado, eu fazia jornalismo e nunca me importei muito com linha editorial de jornal, nem no que o patrão pensa ou não. Jornalismo tem que pensar no público, na população, não tem que pensar no dono de jornal, não tem nada a ver com ele e ele não saber fazer meu trabalho, tanto que me contrata. Nunca liguei para isso, para mim eram coisas completamente diferentes. A gente conseguiu fazer coisas muito interessantes no Globo. O Globo, por exemplo, passou a dar com absoluta exclusividade, prioridade, atenção e detalhe, foi quem melhor fez a cobertura daquele período de seqüestro de embaixador americano Charles

Elbrick, de não sei o quê e tal Também não vou revelar minha fonte porque hoje é uma figura ilustre da política, que foi quem telefonou para mim, eu sabendo com quem eu estava falando porque conheci a voz dele, ele sabendo com quem estava falando porque era um telefone exclusivo, que poucos tinham acesso, eu tinha dado esse telefone a ele, um telefone direto da chefia de reportagem. Foi uma lavagem total. Teve o embaixador suíço, que eu tirei uma edição extra do Globo num dia em que O Globo não saía. Mesmo tendo sido um furo sensacional na segunda-feira fui chamado pelo Dr. Roberto Marinho que me passou uma bronca: como o senhor tira um jornal sem anúncio? Eu disse: olha, essa edição vai ser um grande investimento para sua empresa porque mostra a força da cobertura do jornal. Ele não me incomodou mais. Ele era também uma pessoa sensacional nesse sentido. Ele era um grande jornalista, o empresário eu não quero saber nem julgar, as ligações políticas também não, mas que ele era do ramo, era.

Como foi o episódio da sua prisão em O Globo?

Eles tentaram me prender antes, várias vezes, inclusive uma determinada vez eu cheguei em casa uma e meia da manhã, mais ou menos, da redação de O Globo e tinham posto uma bomba na minha porta. Quando eu cheguei, minha mulher disse que tinha acontecido um pouco antes, ela, com a minha filha no colo e as duas chorando tal o impacto e a violência das coisas. Às três e meia da manhã a síndica do prédio veio com um abaixo-assinado de todos os moradores para eu me mudar imediatamente do prédio porque eles não queriam ninguém perseguido pelas autoridades. A gente virava uma doença, uma praga. Eu até rasguei esse documento, peguei, li e rasguei e disse assim: minha senhora eu sou proprietário do meu apartamento, vou sair daqui se eu quiser e quando quiser. Mas poucos meses depois eu me mudei porque era um coisa horrorosa isso, as pessoas não te cumprimentavam, fingiam que não viam. Era como se você tivesse lepra, uma doença super contagiosa, esse era o tratamento. Eles tentaram me prender várias vezes, segundo o relato da síndica do prédio, subiam e desciam homens de metralhadora a toda hora. Não sei porque não me prenderam antes porque eu ia de casa para o trabalho, do trabalho para casa, seguindo o mesmo trajeto sempre. Eles eram muito incompetentes, muito violentos e muito incompetentes. Um dia me apareceu, eu vi até quando estacionou dentro do estacionamento do jornal, da redação eu vi, um carro que era uma Rural Willys, típica da rural usada, uma viatura militar, vi uns caras saltarem do carro mas não sabia o que era e não estava nem aí. Daqui a pouco eles estão dentro da redação, segundo o Adriano Barbosa, meu amigo e editor de polícia, com quem eu tinha trabalhado na editoria de polícia, que ficava logo na entrada da redação do Globo, nessa época eu estava

como editor de economia, atrás deles tinham tropa que pareciam ser de fuzileiros navais com metralhadora, então o sujeito veio e perguntou: o senhor é fulano de tal. Sou. Então o senhor está preso. Aí o cara que estava na frente puxou duas armas e apontou para mim e os outros já deram uma recuada e meteram a mão na arma para puxar esperando uma reação minha dentro da redação. Tinham várias pessoas na redação do jornal que presenciaram isso, do lado tinha o pessoal da editoria de esportes, chefia de reportagem mais para cá, todo mundo viu essa cena. Então eu disse: calma meu amigo pode guardar essas armas, eu vou preso, não tem problema nenhum, não devo nada a ninguém, quero saber só quem mandou me prender. Eles disseram: é ordem do coronel Luz do IPM da Aeronáutica. Depois eu soube que era o IPM do Para-Sar. Eu disse: Cadê essa ordem? O senhor vai me levar se o senhor me der a ordem. Eu passei cinco anos numa faculdade de Direito e não ia sumir assim. Eu não ia me tornar desaparecido político, pelo amor de Deus. Para minha surpresa o cara disse: isso não tem problema. Aí mandou um cara, depois eu soube que era um tenente ou sargento, um subordinado dele, pegar a viatura e ir lá no coronel. Eu tenho isso, juntei ao meu processo, eu tenho a impressão que não tem processo nenhum de anistia que tenha a ordem de prisão. Ordem de Prisão: o coronel fulano de tal manda prender o indivíduo Pery Cotta por isso e por aquilo.... O que eles diziam lá é que eu tinha roubado documento sigiloso para publicar o que eu publiquei no Correio da Manhã, naquele meu artigo. Muito bem, quando me deu a ordem eu virei-me para o subeditor Cléber Paulistano, meu subeditor de economia e disse: "Cléber, por favor, guarda isso aí com vc". Ele logo entendeu o recado: "se eu sumir, você sabe quem me levou". Assim fui levado preso, uma das vezes, porque foi uma seqüência de prisões, eu passava o dia inteiro na Aeronáutica. Ai é que tem a importância do Roberto Marinho, que, inclusive, disse uma vez para um general que ele cuidava dos comunistas dele, que não tinha problema nenhum porque ele sabia cuidar dos jornalistas. Ele gostava mesmo de jornalistas de esquerda porque dizia que eram os que sabem apurar matéria. Ele disse pra mim assim: "você sabe que os melhores jornalistas são comunistas". E eu disse assim: "é verdade Dr. Roberto, há exceções não é, por exemplo, o senhor, eu....". Eu não era comunista! Fui assim e fiquei muito chateado, pedi demissão no Globo quando o Padilha morreu de câncer, morreu mal para caramba, morreu de repente, pedi demissão porque o Evandro Carlos de Andrade, nós já não... e depois que eu saí, que outros começaram a pedir anistia, na época da anistia, que foi depois de 79, fizeram uma entrevista comigo, o repórter do Globo me telefonou e eu dei a entrevista e na matéria saiu assim: o jornalista Pery Cotta, que diz que foi preso na redação de O Globo. Ué? Como é que eu digo que fui preso dentro da sua casa e você não sabe, você publica a matéria e

não sabe que eu fui preso e com a redação toda como testemunha. Eu achei uma coisa terrível, uma falta de respeito ao profissional. Não demorou muito por causa dessas posições e outras o Evandro caiu também. Caiu naquele sistema do Globo, o cara cai para cima, aí foi ser diretor de telejornalismo da TV Globo que é mais controlada, a vigilância da família é muito maior pelo fator emocional que o veículo televisão tem, não é?

Como você avalia a atuação das entidades de classe na ditadura? A ABI, os sindicatos...

Ambos tiveram um a atuação espetacular, ABI nem se fala porque quando você fala em ABI, você fala em Barbosa Lima Sobrinho, e tem uma história enorme para contar. Mas o sindicato é interessante pelo seguinte: até 1967 eu não era sindicalizado. Em 67 eu me sindicalizei, tem 41 anos, meu número no sindicato é 909, eu não sou nem mil ainda, estou ainda nos 900. Os jornalistas começaram a ver a pressão do regime militar contra os sindicatos de trabalhadores, principalmente, contra sindicatos de jornalistas e nós resolvemos atender a um movimento do sindicato no sentido de que todo mundo se filiasse ao sindicato para engrossar e fortalecer com a sua presença o sindicato e foi nessa leva que eu fui. Aliás, nesse momento eu estava lá no Correio da Manhã e acho que o Correio da Manhã quase todo se sindicalizou naquela época. É fundamental a presença de uma instituição que está olhando pelo profissional, principalmente, nessa parte de imprensa, não é? Uma atuação como tem hoje consolidada do sindicato dos jornalistas e da ABI são fundamentais para eles respeitarem um pouco mais o trabalho de jornalista. Aliás, liberdade de imprensa para mim é que nem a virgindade, não tem meia virgindade, como não tem meia liberdade de imprensa e uma lei de imprensa ou qualquer restrição. Rui Barbosa já dizia: Deixai a imprensa com seus erros e suas virtudes porque o público saberá reconhecer uns e outros. E é o público na verdade quem vai respaldar ou não o veículo, se o veículo não tiver leitor, ouvinte, telespectador, internauta não vivi, vai desaparecer, não tem audiência, não tem tiragem, não tem nenhuma justificativa para alguém botar dinheiro lá, a não ser um jornalismo marrom, um jornalismo episódico, de apoio de candidatura de A ou B, ou de jogadas tais ou quais, O que preserva o jornalismo é uma entidade de classe forte, atuante, presente, vigilante e o que preserva o sindicato é ter esses profissionais também representados e afiliados ao sindicato e à ABI. Todos devem se filiar ao sindicato e todos devem se filiar à ABI porque são instituições que vão permanecer. Os jornalistas passam e elas ficam.

Como você vê a atuação da imprensa na redemocratização?

Isso é interessante porque na verdade, primeiro, houve o sinal de que podia haver isso, eu acho que foi em 75, a partir do momento em que houve aquele episódio lá em São Paulo, da morte do Vlado, do Vladimir Herzog, e da morte do operário Manoel Fiel Filho, em que o Geisel demitiu o comandante do II Exército, o general Ednardo D'Ávila, eu acho que ali começou um processo de redemocratização, que eles próprios disseram, o próprio Geisel disse isso, estamos falando de 76, se não me engano, o próprio Geisel disse, na época, que teria que ser uma abertura lenta, gradual e etc. Na verdade, quando abriu, a opinião pública já não suportava mais o regime. O regime militar foi muito competente pelo fato de que num determinado momento foram os radicais que tomaram conta, a partir de 69. Aí você tem aqueles anos de chumbo que vão até 73, pode-se dizer até 75, que tem a morte do Herzog, e com 500 mortos e desaparecidos após isso e aquilo que estava prenunciado antes aconteceu, mataram estudantes, desapareceram com lideranças políticas, fizeram a limpeza que eles pretendiam fazer, mas a opinião pública de alguma forma vai sabendo das coisas, tomando conhecimento dos fatos e nesse sentido tudo que é instituição democrática e que preserva a liberdade de imprensa começa a se mexer também. Eu acho que quando o regime terminou, ele não terminou, ele acabou de desmoronar porque ele estava completamente desmoralizado, tanto que os militares, acredito eu, pelos menos esses radicais não terão mesmo mais nenhuma oportunidade, os outros militares até pela sua formação também apoiaram essa redemocratização. O marechal Castelo Branco ele disse que em dois anos ele devolveria o governo aos civis, isso em 1964. Em 66, ele deixou de ser presidente, botaram o Costa e Silva como presidente e aí foi uma sucessão de presidentes indiretos, indicados por eles próprios, mas por grupos antagônicos. O Castelo não fez o Costa e Silva, o Costa e Silva não fez ninguém da Junta, muito menos o Médici, porque ele já estava morto quando a Junta assumiu e resolveu indicar o Médici. O Médici não fez o sucessor, que foi o Geisel e o Geisel também não fez o sucessor dele, que foi o Figueiredo. Embora já houvesse por parte do Figueiredo até o compromisso, a adesão ali foi no sentido de que tem que abrir e foi o que aconteceu. Em 79 tem a Lei de Anistia, que segundo o Barão de Itararé, o Aparício Torelli, a anistia é o ato pelo qual o governo perdoa seus erros, seus crimes. Primeiro perdoaram os erros deles. Hoje, quando fala em anistiar alguém que foi perseguido, diz-se: vão gastar uma fortuna, pagar não sei quanto ao cara! Por isso que quando eu recebi a comunicação da minha anistia, que foi feita lá na ABI, perante a comissão do Ministério da Justiça, eu disse que ela chegou tarde. Não por mim, mas pela minha família.

Como foi o episódio Proconsult?

Pela minha experiência de cobertura, eu fui trabalhar lá na Rádio JB e num sistema independente da divulgação oficial de votos. Era uma eleição muito importante, porque em 1979, com a abertura política, voltaram todos aqueles exilados políticos: Miguel Arraes, Leonel Brizola, Fernando Gabeira, etc. Voltaram e, em 82, houve a primeira eleição direta para governador, que seria parte daquela abertura lenta e gradual. Vamos fazer a eleição direta? Vamos, mas por enquanto para governador, nada para presidente da República da República. Acabou não sendo também na eleição para presidente porque o senhor Tancredo Neves chegou para os militares, o Tancredo Neves que é apontado como uma grande figura da democracia brasileira, chegou para os militares e disse: "Vocês vão fazer eleição direta? O Brizola vai ganhar". Aí os militares, com aquela paixão que eles têm pelo Brizola, até por causa dos episódios lá do Sul, e resolveram fazer uma eleição indireta e quem ganhou foi o Tancredo, que já tinha sido primeiro-ministro quando inventaram o regime parlamentarista no governo João Goulart para segurar o Jango. O parlamentarismo depois é também eliminado da história política brasileira. Então, eu fui chamado para fazer essa cobertura e fiz uma cobertura para rádio, a dinâmica da rádio é diferente, você tem que dar boletins de meia e meia hora e tal. E montei uma equipe na maioria com estagiários, eram 30 ou 32 profissionais trabalhando comigo e sob as ordens do Procópio Mineiro, que foi um cara que sempre bancou um trabalho bem feito nessa cobertura de eleições e que tinha me chamado para lá para organizar isso e participava ativamente da evolução da cobertura. Então, nós montamos o seguinte regime: naquela época, os juízes das juntas eleitorais tinham que afixar o resultado da eleição, da apuração, no que afixavam, tinha um mapa e eu tinha lá um repórter que passava as informações para a redação. Nós botamos uma mesa grande num estúdio e lá as pessoas iam recebendo e iam somando os dados. Nessa soma, é importante você ponderar porque você pode ter, por exemplo, Copacabana, uma sessão eleitoral, quem vota lá? Pode votar o pessoal da Avenida Atlântica ou pessoal do Pavão-Pavãozinho. É preciso saber da onde veio isso e ponderar essas coisas. Era um pessoal que entendia de cálculo, matemática, tinha experiência na área de economia, eu mesmo, que também tinha uma experiência de política, o Ricardo Bueno, que era um jornalista sensacional e era formado em economia também. O Randolfo de Souza, que era também da área de economia e que nos ajudou nos cálculos. Numa bela madrugada nós descobrimos que havia uma trampa naquilo, que o Brizola devia estar disparado e não disparava do jeito que a gente imaginava pela informação que a gente estava recolhendo. Custou um pouco, foi por acaso que nós descobrimos que o que estava acontecendo: estavam pegando os votos em branco

e nulos e jogando na conta do Brizola, mas com o sinal negativo . Então, de repente saía 50 mil, 100 mil, 300 mil, eu acho que chegou a 500 mil, meio milhão de votos que eles roubaram do Brizola naquela eleição. Aí, uma bela madrugada, eu fui chamado lá porque o sistema de computação do jornal tinha números diferentes, porque ele trabalhava com a Proconsult. E tinha o mesmo papo da Proconsult, que era um empresa que o TRE contratou para contabilizar os votos e jogar no computador. Ali que era a trampa. Quando jogava, jogava aquele sinal lá dos votos brancos e nulos, na conta do Brizola. Eu, rapidamente, com esse sistema que nós montamos que era para ser rápido mesmo, em dois, três dias nós anunciamos, eu, pessoalmente, anunciei quem era o vencedor. Eu tinha levantado até 70% dos votos, a equipe tinha levantado, e foi fácil para nós, que lidávamos com pesquisa com previsão, projetarmos os 30% restantes. O que foi espanto para mim foi o TRE, no resultado final, ter apresentado um número que representou 0,0028 do número que a Rádio Jornal do Brasil tinha apresentado. Isso não existe. Um erro de 3%, 4%, mesmo 10%, seria absolutamente normal até pela maneira com que a gente trabalhou, teve lugares em que a gente chegava e o mapa tinha sido rasgado e fazia diferença porque era um urna importante, com muito eleitores, como, por exemplo, na Zona Oeste ou na Baixada. E a gente fez trabalhando na maquininha de calcular simples, eu, o Ricardo, o Randolpho e o Procópio Mineiro. Uma bela madrugada nós fomos chamados lá, eu e o Procópio fomos, era uma reunião com a diretoria do jornal. Nós recebemos duas recomendações: uma que era para nós ouvirmos o que dizia o cara da informática do jornal, que veio com a mesma história da Proconsult, dizia para mim e para o Procópio que nossos dados estavam errados. Aliás, mesma postura do senhor Cesar Maia, que era do PDT naquela época, que comandava lá a contabilização dos votos pelos mapas das eleições e que passou uma hora e meia tentando convencer a mim e ao Procópio, Ricardo e Randolpho que nós estávamos errados. O Sr. Cesar Maia fez isso! E depois ele se apresenta aí como o cara que cresceu no governo do Brizola porque impediu que houvesse uma fraude das eleições. Mentiroso! Sem-vergonha! Isso é você querer se apropriar do trabalho dos outros. Mas isso é próprio dele, criador de factóides, não é? Não poderia ser diferente. Aí nós contra-argumentamos. Era o seguinte: para governador e para deputado estadual tinha que ser gente do mesmo partido. Eles achavam que o pessoal da Baixada, de Campo Grande, de Santa Cruz, era tudo um bando de imbecil que ia errar na hora de votar. Os votos dos caras eram certinhos, não houve isso, foram votos conscientes, voto político. Erro houve em outras áreas que você esperava não haver essa confusão. E eles fraudaram, abriram urnas, como foi feito em Bangu. A Polícia Federal foi para lá abriu as urnas e onde havia os votos todos certinhos escreviam assim: abaixo a ditadura. Agora,

imagina se o cara vai botar o voto todo certo e estragar o voto com uma coisa dessa. Fizeram muito isso. E na Proconsult tinha dois ex-coronéis do SNI. Quando foi aberta uma CPI na Assembléia Legislativa que eu fui depor e que eu disse isso, que havia o dedo do SNI por trás, porque havia interesse por causa das eleições presidenciais que ia haver mais adiante, a CPI acabou, não tomaram mais o depoimento de ninguém. Eu mostrei o outro lado da questão. Fui chamado na Polícia Federal e queriam me transformar do cara que revelou, ajudou a revelar essa fraude eleitoral, em um cara que tinha tentado subornar a Proconsult para conseguir os dados antes dos outros veículos de comunicação. Para o delegado da Polícia Federal falei: "delegado, você está querendo virar a coisa e tal". Num determinado momento ele disse: "o senhor por favor, de agora em diante, só me chame de doutor delegado, não quero intimidade comigo". Aí valeu aquele cursinho de Direito que eu fiz, eu sou o número 18.175 da OAB, peguei minha carteira que era uma carteira como é o hoje a de identidade e joguei em cima da mesa e disse: "e o senhor de agora em diante só me chame de Dr. Pery Cotta". Olha, o cara ficou, vamos usar a palavra certa, ele ficou desbundado, ele não conseguiu mais articular a coisa, ficou nervoso, tomou laranjada, limonada, sei lá o que, e acabou: "O seu depoimento está terminado".

Mas antes de estourar a denúncia, a Proconsult tinha oferecido ao JB esses dados também?

Não, não. Na verdade, nós tínhamos procurado a Proconsult porque tínhamos a informação de que eles tinham vendido a prioridade da informação para o Sistema Globo. O que me parece que não foi verdade. O Sistema Globo não teve, o jornalismo do Globo não teve participação nenhuma nessa trampa. Me telefonaram para a redação, e eu atendia, querendo saber porque que a Globo estava dando uns números, a então poderosa TV Globo, e a gente estava dando números tão diferentes. Eu dizia: "olha, eu não sei, pergunte a eles, aqui o nosso trabalho é feito assim" Dei explicações mil. Uma boa parte do tempo eu passava explicando isso. E naquela reunião, uma das decisões do Sistema Jornal do Brasil foi que nós deveríamos encerrar a nossa cobertura, a nossa participação, o mais rápido possível e passar todos os dados para o Jornal do Brasil, que ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo por causa disso. Olavo Luz, que era o coordenador, o cara que tinha contato com a imprensa, morreu recentemente, que era muito meu amigo, foi do Jornal do Brasil também, o Olavo Luz me disse assim: "Pery, fiquei muito chateado porque a gente queria dar o prêmio à Rádio Jornal do Brasil e a você especificamente, mas não tem Prêmio Esso para rádio e televisão, aliás, em função disso, nós vamos criar". E criaram. Há, hoje, premiação para rádio e televisão. Os

profissionais desse veículo vão ficar me devendo um pedacinho daquele documento que eles vão receber lá. E, quando eu fui trabalhar em rádio, esse é o detalhe interessante em termos de jornalismo, em disseram assim: "Pery, você, que é um profissional tão experiente de imprensa, um cara que já exerceu tantas funções em jornal", pois eu cheguei a ser diretor de redação de jornal, na Última Hora, em 76, "como você vai trabalhar nesse veiculozinho menor que é o rádio, sem importância. As pessoas não têm a menor idéia que, hoje, o veículo mais importante para a comunicação é o rádio, não é internet, não é coisa nenhuma, internet vai ser um dia, quando ela conseguir fortalecer-se com um jornalismo sério porque hoje é um jornalismo feito na base que a gente sabe como é que é feito. Ainda esta devendo muito em seriedade. O rádio é um companheiro, o rádio, você toma banho ouvindo, toma café, ouve no carro, te acompanha o tempo todo, as pessoas que moram sozinhas, os velhinhos, as velhinhas, todo mundo tem história disso na família, dialogam com o cara do rádio, ele faz uma pergunta e eles respondem, é um amigo, uma pessoa próxima, uma pessoa que todo dia você está convivendo com ela ali. Eu acho que foi isso que deu força à cobertura bem feita que a Rádio Jornal do Brasil, que os repórteres da Rádio Jornal do Brasil fizeram naquela época.

Para você, qual é a importância de se registrar a memória do jornalismo, como fizemos hoje?

Acho fundamental. Não é uma questão de ego não, eu acho que eu fiz o que eu tinha que fazer. Qualquer outro profissional sério, você vai ter uma série de jornalistas que vão contar mil histórias para vocês nessa série de depoimentos, que agiram incorporando esse espírito de jornalista, sabem que é uma função diferente, que é uma função de interesse social, que é uma função em que o sujeito tem que estar distanciado, afastado de influências, tem que saber reconhecer, inclusive, essas influências. Então, na medida em que vocês têm isso, não como uma coisa morta, uma coisa para museu mas para promover palestras, discussões, mostrar isso nas faculdades. Eu ficaria muito feliz da vida se eu tivesse tido acesso a uma gravação com Graciliano Ramos, com tantas figura ilustres aí que foram redatores de jornal, das diversas épocas, figuras da Literatura, das Artes, que trabalharam também em imprensa. Eu detesto a expressão jornalismo investigativo porque investigar, a palavra quer dizer seguir os passos, não é isso que faz o jornalista, isso faz a polícia, o jornalista apura a verdade, isto é, torna pura a verdade, vai até o final da história. E todo mundo que tivesse feito esse trabalho de pegar a coisa pequenininha e aprofundado aquela história, se eu tivesse a oportunidade de ver um depoimento desse, eu ía queimar etapa de uma maneira extraordinária. Esse trabalho é fundamental não para a história do jornalista, nem para o ego do

jornalista, é fundamental para a preservação de certos valores que a imprensa tem que ter para o profissional ser chamado de jornalista.